

## ACERCA DA TRADUÇÃO DOS EPÍJETOS HOMÉRICOS POR ELPINO DURIENSE

Muito argutamente notou Milman Parry que os Poemas Homéricos foram oralmente improvisados por aedos, que, a cada passo, recorriam à repetição de fórmulas e de epítetos. Dispunham esses bardos de inúmeras expressões cunhadas de acordo com as exigências métricas, com que preenchiam curtos lapsos de tempo, durante os quais iam compondo mentalmente os versos seguintes. Tais fórmulas tanto ocupavam um dos hemistíquios como até versos inteiros. Eram, geralmente, constituídas por um substantivo acompanhado de um epíteto raramente supérfluo ou vazio de conteúdo significativo. Pelo contrário, esses *bordões* — palavra que tomo no sentido literal, que não no pejorativo — eram utilizados quer para descrever situações, quer para caracterizar personagens. Importa, por isso, descobrir o verdadeiro significado desses adjectivos, ainda que, por vezes, tal tarefa seja árdua e até improficua, pois a sua origem se perde na bruma dos tempos micénicos.

Grande rigor na tradução desses epítetos se espera de um erudito como Elpino Duriense, que trasladou para língua portuguesa, em verso branco, e *literalmente* — este grupo de versões portuguesas recebeu a epígrafe de *Ensaio de traducções literaes* — pouco mais do que a primeira centena de versos do começo da Iliada e o episódio da despedida de Heitor e Andrómaca do livro VI da mesma epopeia<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Só não se tratará aqui também da versão que a Marquesa d'Alorna fez, em oitava rima, do livro I da Iliada, por ter Alcipe desprezado em absoluto a tradução dos epítetos homéricos, objectivo deste estudo.

Neste trabalho apenas será apreciado o modo como António Ribeiro dos Santos traduziu os epítetos compostos, sobretudo aqueles que oferecem interpretação controversa.

Em geral, Elpino Duriense foi muito bem sucedido, ao verter para português os epítetos homéricos. Só a título de exemplo, refiro traduções felizes como «Achêos de fina greva» para *εὐκνήμιδες Ἀχαιοί* (A 17) e «crista de equinas sedas» para *λόφον ἵππιοχαίτην* (Z 469).

Sobre a interpretação da fórmula *ἐλικώπιδα κούρην* (A 98), expressão considerada ininteligível por Leumann, parece-me oportuno tecer, agora, umas quantas considerações.

Acertadamente, a meu ver, traduziu Elpino Duriense esta fórmula por «donzella de negros olhos linda».

Já o escoliasta da *Iliáda* apresentara *μελανόφθαλμον* («de olhos negros») como sinónimo de *ἐλικώπιδα*, atribuindo ainda ao adjectivo os sentidos de «que é digna de ser vista» ou «para a qual os jovens voltam o olhar».

Também em Hesíquio lemos a glosa *ἐλικώπες ἠμελανόφθαλμοι*.

É interessante verificar a semelhança entre um dos sentidos que regista um dicionário do séc. XVIII — *Cornelii Schrevelii Lexicon* de 1778 — («*quae nigris oculis est decora*») e a tradução apresentada por Elpino Duriense. Ainda que o árcaico não o tenha compulsado, creio que, pelo menos, poderemos, através dos significados que regista, deduzir as interpretações correntes na época. O mesmo léxico apresenta ainda outras acepções para a mesma palavra: «*quae amantium oculos ad se trahit*», «*cui oculi sunt uolubiles & rotundi*».

Em época mais recente, muitos autores aceitaram uma destas duas últimas hipóteses.

Por exemplo, os dicionaristas Lidell e Scott escrevem: «*with rolling eyes, quick-glancing, as a mark of youth or high spirits*».

E para Düntzer a palavra significaria «de órbitas bem arqueadas», sentido que corresponde ao adjectivo «rotundi» registado pelo *Cornelii Schrevelii Lexicon*. Esta é também a hipótese para que se inclina Frisk (*Griechisches Etymologisches Wörterbuch*), que faz derivar o adjectivo de *ἐλιξ* e que acha improvável a proveniência de *ἐλίσσω*, derivação

que está na base da interpretação que se lê no *Greek-English Lexicon* de Lidell-Scott.

Outros autores como Bergk, Belardi e mais recentemente Page perfilharam, de novo, a opinião dos Antigos.

Porque me parece que a comedida e convincente opinião que Page apresenta na sua obra *History and the Homeric Iliad* vem repor o problema no seu devido lugar, não resisto a referi-la, neste momento.

Segundo este autor, o adjectivo seria um termo raro quando foi composta a *Iliada*, e já absolutamente insueto ao tempo da composição da *Odisseia*. Provavelmente até os próprios aedos já desconheciam o significado e origem da palavra, que mais não indicaria do que uma característica étnica distintiva, indiferentemente aplicada quer em relações a jovens, quer em relação a individuos de proveccta idade, fosse qual fosse a disposição de espírito em que se encontrassem.

De facto, pude verificar que esta palavra se applicava genericamente a todos os Aqueus, sendo muito significativo o verso 234 do livro III, em que Helena diz que vê πάντας («todos») ἐλίκωπας Ἀχαιούς.

Afirma Page que o elemento de composição ἐλικο — se refere sempre à forma, não ao movimento — relacionando-se este elemento, portanto, com ἐλιξ, não com ἐλίσσω —, como provam os adjectivos ἐλικοβόστρυχος que significa «de cabelo encaracolado» e ἐλικοκέρατος, «de chifres retorcidos».

Ora, no dizer de Page, se o primeiro elemento de ἐλίκωψ estivesse relacionado com ἐλιξ, o adjectivo significaria, «de olhos em espiral», o que anatomicamente seria impossível.

Por isso, entende Page que o primeiro elemento de composição de ἐλίκωψ poderá relacionar-se com qualquer outro radical diferente, transmitido pela tradição, mas que os próprios aedos já desconhecessem.

Em conformidade com isto, chega mesmo a admitir que a expressão νέες ἀμφιελίσσαι (B 165) é sinónima da νέες ἀμφιμέλαιναι (significando, portanto, «negras naus» em vez de «naus recurvas»).

Com graça, termina as suas considerações, dizendo que, se entendermos que o adjectivo significa «de olhos negros», nos resta uma consolação: a de que a expressão ἐλικας βοῦς

(α 92) não terá o sentido absurdo de «vacas retorcidas», mas sim e muito simplesmente o de «vacas pretas».

É de louvar, sem dúvida, o bom-gosto de Elpino Duriense, que, num tempo em que os dicionários já apresentavam para este adjectivo interpretações díspares, teve o tacto de escolher a mais simples, por isso mesmo a mais poética e aquela que modernamente parece a mais plausível.

Para traduzir alguns dos epítetos compostos, Elpino Duriense tentou evitar a perífrase, processo usual de tradução desses adjectivos.

São singulares as soluções que Elpino Duriense encontrou para fugir ao circunlóquio.

Assim, para traduzir *ἡύκομος* (A 36), epíteto de Latona, usou o adjectivo «pulchrícoma» que, ao que penso, muito provavelmente será um neologismo criado pelo próprio António Ribeiro dos Santos.

De processo diferente, mas não menos interessante, se serviu Elpino Duriense para traduzir a fórmula *πολυφλοίσβοιο θαλάσσης* (A 34), justapondo a um adjectivo outro com valor adverbial, criando assim a expressão «do largo-ressonante mar».

O mesmo tipo de composição serviu a Elpino Duriense para traduzir o controverso epíteto *έκηβόλος*. «Longe-vibrador», «largo-atirador», «longe-frechador» e «grande-vibrador» são as traduções que apresenta respectivamente para A 14, A 21, A 96 e A 110. Traduz o epíteto sinónimo *έκατηβελέτης* (A 75) por «que longe-vibra a seta».

Pensavam os Antigos que se relacionava com o advérbio *έκάς* (longe) o primeiro elemento de composição de *έκηβόλος* — forma iónica que corresponde à dórica *έκάβόλος*, proveniente de *έκάβόλος* com alongamento métrico do *α*, necessário no hexâmetro dactílico para evitar a sucessão de mais do que duas sílabas breves.

Modernamente, porém, quase sempre se relaciona o elemento com o participio *έκών*, *έκοῦσα*, *έκόν*, cujo radical no grau reduzido é \**Feκντ* — que evoluiu normalmente para \**έκατ*. Creio que corrobora esta etimologia a presença do *τ* em formas sinónimas como *έκατηβόλος*, *έκατηβελέτης* e *Έκατος*, nas quais é bem evidente um primeiro elemento com a forma *έκατ* —.

Terá havido, como aventa Boisacq, uma apócope do τ, quando ao dito radical se juntava um segundo elemento que principiava por vogal? Por este motivo, o τ estaria presente em *έκατηβόλος*, em *έκατηβελέτης* e no hipocorístico *Έκατος*, mas já não appareceria em *έκαέργος* — . pois a palavra *εργος* assenta numa forma começada por digama — nem em *έκηβόλος* nem em *έκηβελέτης*.

Ou teremos de admitir que esse primeiro elemento provinha de um presumível advérbio \*έκα, formado a partir de *έκών*, como entendem Frisk e Schwyzer?

Seja qual for a proveniência desse elemento, o que parece provável, portanto, é que ele se relacione com o particípio *έκών*, que significa «de bom grado». Assim, *έκαέργος* seria «o que age a seu bel-prazer» e *έκηβόλος*, *έκηβελέτης*, *έκατηβόλος*, *έκατηβελέτης* e ainda *Έκατος* teriam o sentido de «que atinge o alvo a seu bel-prazer» ou seja «que acerta no alvo».

Tanto *έκατηβόλος* como *έκατηβελέτης* são «Streckformen», formas, por assim dizer, «alargadas», epentéticas, motivadas pela necessidade que tinham, por vezes, os aedos, de introduzir no verso mais uma sílaba. Estas formas teriam resultado do cruzamento do radical \*έκατ — com palavras já existentes como *έκηβόλος* e *έκηβελέτης*.

A partir de *έκατηβόλος* ter-se-á formado regularmente o hipocorístico de Apolo *Έκατος* (tal como, por exemplo, de *έκαβόλος* proveio o hipocorístico do género feminino *Έκάβη*).

Aliás, exactamente destes versos da *Iliada* que Elpino Duriense traduziu, podemos tirar a ilação de que era apanágio de Apolo atingir o alvo com segurança. São estes os referidos versos em tradução de Elpino Duriense:

*«E aos jumentos primeiro, e cães velozes  
Atira: logo os homens fere, a frecha  
Mortifera arrojando; de cadaveres  
Muitas fogueiras de continuo ardem».*

Vemos que não era ao acaso, mas com predeterminação que Apolo lançava os seus dardos e com precisão que feria as vítimas que escolhera.

Relevem-se, no entanto, a Elpino Duriense as traduções erradas que apresenta para *έκηβόλος* e para *έκατηβελέτης*, pois não pode exigir-se a um tradutor mais do que se sabia na sua época. E o que verificamos é que o *Cornelii Schrevelii Lexicon* apresenta para *έκηβόλος* a acepção de «longe iaculans».

Apesar de uma ou outra interpretação errónea, trata-se de obra de mérito e só nos resta, portanto, lamentar que António Ribeiro dos Santos não tenha levado a cabo esta sua tradução da *Iliada*, de que nos deixou uma pequena amostra tão apreciável.

*Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor*